

## O valor da organi- zação sindical

Dentre os elementos colectivos que constituem as sociedades e as movimentam continuamente, destaca-se pela sua importância, objectivos que a definem e o valor da missão que lhe está adstricta no seu progresso e aperfeiçoamento, a classe trabalhadora. Sem ela não seria possível os extraordinários avanços nas ciências, nas artes, na literatura, na indústria e agricultura.

Os seus componentes, que fazem parte dos quadros intelectual e manual, são as verdadeiras energias propulsoras dum futuro menos árduo e mais humano. Representantes do trabalho, a mais elevada expressão da vida, a sua acção faz-se sentir em toda a parte, desde os locais mais reconditos e pouco recomendáveis, sob o ponto de vista higiénico, aos sítios mais deslumbrantes das grandes e lindas cidades do mundo, onde a sua actividade se exerce maravilhosamente.

São contudo os trabalhadores quem menos gosa o produto do seu próprio esforço. Dessa anomalia surgiu, em tempos já longínquos, a imperiosa necessidade de se unirem e defenderem os seus interesses desprezados. E desse facto nasceu a correspondente acção que, em páginas já agora inapagáveis, tem demonstrado exuberantemente a razão da sua existência.

Extremados os campos na luta estabelecida entre explorados e exploradores, a organização do trabalho foi-se robustecendo, através de todos os sacrifícios e ataques — os mais formidáveis — dirigida para a aniquilação e com grande dificuldade conseguiu atingir o grau de desenvolvimento que mantém internacionalmente.

Sem embargo dos mais profundos e tremendos ataques que, ferindo-a por vezes, nunca conseguiram prostrá-la inanimada para sempre, como ao leão perfurado em pleno peito, a organização sindical, porque exactamente traduz a única força vivificadora do trabalho, manter-se-á no seu posto reivindicador de direitos, que todos os princípios alé hoje adoptados na governação dos povos, tem recusado numa sistemática atitude de desprezo que tanta vítima imola aos perversos desejos de quem a nada atende senão à sua feroz ambição.

E mantendo-se a organização sindical, cujas raízes mergulham no sangue de tanto sacrifício, nessa eloquente posição, nada poderá, como se tem pretendido fazer, aniquilá-la, tal a sua constituição intrínseca e a razão directa da sua força. Ela é a resultante da lógica, a consequência natural do próprio desenvolvimento económico e social observado em todo o universo e nenhuma lei por mais hábil ou violenta que se apresente, será capaz de destruí-la.

A sua acção é consensual com a sua razão de ser. A sua vida é imensa, pode dizer-se infinita, pois é ela que contém os germes renovadores das gerações que se sucedem ininterruptamente.

Como se poderá, pois, aniquilar a vida no conjunto?

Seria obsecração desmedida pretendê-lo e levar à prática.

Os ensinamentos constantes e bem iludicatórios da luta social travada já há séculos, provam bem estas nossas afirmações.

E se um dia alguém — hipótese inaceitável — tivesse o poder de a destruir, das suas próprias cinzas ela ressurgiria, mais impetuosa, exponencialmente gerada pela natureza.

Queremos insistir neste ponto: a organização do trabalho sintetiza a vida e, colectivamente, a vida não se extingue.

Como pode haver quem pense em tal, conforme o desejo manifestado por correntes que não possuem vida própria e se alimentam da seiva desta frondosa e vivificadora árvore: a organização do trabalho? Só por aberração.

E é neste ponto principalmente que reside o seu grande valor, que forças humanas poderão de forma alguma desfazer.

### A Lituânia, com que se parece?

RIGA, 1. — As notícias mais recentes dizem que reina uma grande agitação na Lituânia, precursora de um movimento revolucionário. — (L.)

## AS CASAS DE "PREGO"

### Os usurários penhoristas suspenderam as transacções e ameaçam leiloar os objectos que não forem resgatados até ao fim do mês!

#### O que viu e ouviu o nosso repórter

Pelo artigo de ontem, os leitores de A Batalha ficaram conhecendo que a luta dos penhoristas contra os mutuários reacendeu com grande brutalidade, em virtude do decreto que pela pasta das Finanças foi publicado restringindo a 2 e 3 % a taxa de juro sobre penhores. A luta tem todas as características rebeldes e visa especialmente a conciliar os ódios dos que têm necessidade de recorrer às casas de "prego" contra um diploma que os preserva de maior roubalheira.

Quando se falou na promulgação de semelhante medida, nós dissemos nestas colunas que os usurários penhoristas haviam de recorrer a todos os processos, ainda os mais violentos e revoltantes, para conseguirem os seus torvos desejos: continuarem vivendo à tripa fóra, embora para isso tivessem que estoirar de fome os que a eles recorrem.

Assim foi. Depois do recurso da imprensa venal, cuja ineficácia facilmente foi demonstrada, veio agora a luta violenta contra os mutuários. Desde segunda-feira, isto é, desde o aparecimento do decreto, que nas casas de penhores não se fazem transacções. Algumas delas conservam avisos prevenindo

— Na minha casa somos seis pessoas. Meu marido há um ano que não trabalha. Dois dos meus filhos estão presos, em virtude dos últimos acontecimentos, e tenho quasi tudo no "prego".

— Este casaco — e mostrou um casaco já um pouco coado — é de minha filha. Vinha esperanças de «pó-lo» por quinze mil reis para fazer o jantar. Mas foi-me dito que não se emprestava mais nada enquanto o governo não modificasse o decreto.

— E agora o que pensa fazer?

— Duas lágrimas discretas despenharam-se dos nostálgicos olhos da nossa interlocutora. E acrescentou:

— O que mais me preocupa é que vou perder tudo quanto tenho em casa desses malvados.

— Porquê? — inquirimos com alvoroço.

— Entre soluços Margarida Pereira explicou: — Porque li um aviso nessa maldita casa que me previne para levantar os objectos que lá tenho num prazo inferior a um mês. E como não posso fazer esse resgate ficarei sem o que me pertence...

Aqui, a dois passos da redacção, outra scena nos impressionou. De uma casa de penhores do Loreto saía uma pobre ve-



Um dos aspectos da miséria que os penhoristas exploram ignóbilmente

os mutuários de que devem levantar até ao dia 20 do corrente os seus haveres, sob pena deles serem leiloados logo que expire esse prazo.

Da atitude dos penhoristas resultaram já os primeiros protestos. Grande número de mutuários, devido às dificuldades da vida, prevê a perda dos seus pobres haveres, visto não ter facilidade em os levantar no prazo indicado.

Uma família conhecemos nós que, devido à crise de trabalho, levou para essas casas todos os seus haveres. Agora, com a ameaça dos prestamistas, aflitivamente chora a perda do que lhe pertence, cujo valor do empréstimo está muito aquém do seu valor real.

Por outro lado, a temerosia dos agiotas em suspenderem as transacções está motivando o desespero de muitos desgraçados. É verdade que as chamadas casas de "prego" do governo continuam fazendo as suas transacções. Mas nem em toda a parte há dessas casas e por isso o infeliz tem que recorrer ao terrível penhorista.

Ontem, demos uma volta pela cidade, colhendo impressões sobre a acção dos penhoristas. Assistimos a cenas lacinantes que feriram a nossa sensibilidade. Alguns que feriam a nossa sensibilidade. Alguns que feriam a nossa sensibilidade.

Em Campo de Ourique, falámos com a sr. Margarida Pereira, que acidentalmente encontramos à saída de uma dessas casas de miséria. A sua narrativa é comovente:

lhota sobraçando um embrulho. Dos seus lábios saiu-se um anátema que chamou as nossas atenções.

— Malditos! Não arrebrentarem êles com dinheiro!

— Que tem, minha senhora? — preguntámos.

— Calcule o senhor que fui lá àquele explorador para empregar estes lençóis e ele respondeu-me que não emprestava dinheiro enquanto existisse o decreto.

Fomos andando e, na rua Vinte de Abril, na casa que tem o número 171-173 falámos com a esposa do seu proprietário, que nos fez as seguintes declarações:

— Enquanto durar esta situação não fazemos mais empréstimos. Não nos podemos manter com a taxa de juro fixada pelo decreto.

Nesta casa, ao contrário do que encontramos em algumas das restantes não notámos qualquer aviso aos mutuários. Todavia a mesma senhora disse-nos:

— Se esta situação se não modificar temos que vender isto e lançarmos mão de outro negocio.

Isto é, será aplicada aos mutuários a mesma pena, embora disso ainda não estejam prevenidos.

E' esta a situação dos que a fatalidade ainda leva ao "prego". Em breves dias perderão tudo quanto confiaram, a tróca de uns míseros escudos, a esses terríveis agiotas, de nada lhes valendo as chamadas medidas de repressão contra essa caterva de miseráveis.

## NOTAS & COMENTARIOS

### O eterno desleixo

Não se pode tomar posse dum empréstimo público e até alguns particulares sem um certificado de registo criminal, pelo qual a Boa Hora se não esquece de cobrar os respectivos emolumentos.

Para se obter esse certificado é indispensável um impresso — e não há agora maneira de o adquirir. E como o impresso não se passa o certificado, encontram-se muitas pessoas gravemente prejudicadas nos seus interesses, entre elas alguns operários tipógrafos.

Semelhante relaxamento é bastante significativo não só da maneira como certos serviços são dirigidos como também do desprezo a que são votadas todas as pessoas que têm a infelicidade de serem forçadas a recorrer à intervenção do Estado.

### A religião e o espirito

A efervescência religiosa é cada vez maior. Ante-ontem, os alunos do 5.º ano jurídico mandaram rezar uma missa de agradecimento ao altíssimo por terem conseguido chegar àquele estágio do curso.

Que haverá de extraordinário no facto de terem chegado ao quinto ano jurídico depois de concluído o ano anterior? É claro que tudo isso é normalíssimo e sempre assim foi.

A continuar-se misturando a religião nos actos mais cominhos da vida, qualquer um de nós espirra por estar constipado e vai a correr à igreja mais próxima pagar uma missa e rezar-lhe. E quem sabe se, se espirramos a uma sexta-feira, não tere-

mos de pagar, em vez duma missa, duas? E se espirramos de costas voltadas para um templo, não se tornarão necessárias duas dúzias de missas?

Tudo é possível no domínio dos fervores religiosos...

### O "shooti"

Isto do foot-ball tornou-se uma indústria muito especial, tão especial que o público é esfolado em vida, sem que a gente à primeira vista perceba a origem de tanta ganância, pois que as receitas não vão parar à carteira de nenhum empresário.

O "Diário de Notícias" fez, há dias, alguma luz sobre este caso. Dentro em pouco, parte para a Itália um grupo de jogadores e a acompanharão-los vai outro grupo de seis, sete ou talvez mais dirigentes do foot-ball, que assim passeiam e gozam à tripa fóra com parte do dinheiro arrancado aos amantes do shooti, sem que se explique satisfatoriamente a necessidade de comitiva tão numerosa.

### O nosso reaparecimento

Recebemos nesta redacção bastantes cartas felicitando-nos pelo nosso reaparecimento, bem como a visita de muitos camaradas e amigos deste jornal que por igual motivo nos procuraram.

Agradecemos todas as palavras de salvação e de incitamento, aproveitando o ensejo para afirmar que «A Batalha» só por motivos imperiosos deixará de ser, sem interrupções, o mesmo clarim vibrante de verdade e de justiça.

## A ACTUALIDADE CHINESA

# A CHINA PROCURA ELEVAR-SE AO NIVEL DA CULTURA OCIDENTAL

Há algumas semanas que a questão chinesa apareceu aos olhos do público com toda a gravidade que realmente ela tinha desde há anos. A guerra está prestes a estalar entre os republicanos cantoneses (os Sulistas) e a Grã-Bretanha. E, se esta guerra reber, é toda a China, (compreendendo os Nortistas, os inimigos do Kuo-Ming-Tang e do Kuo-Min) que se erguerá contra os estrangeiros, os imperialismos britânicos e outros mais que possuem direitos de soberania em territórios chineses — direitos que, por eufemismo, se chamam «concessões».

«Le Temps», em França, e vários jornais ingleses de grande circulação reconheceram que, em toda a China, a opinião era unânime em procurar alcançar a libertação do país do jugo dos imperialistas ocidentais.

Todos os chineses pretendem recuperar a soberania sobre os territórios que a violência dos ocidentais lhes arrebaçou no decurso do século XIX.

Esta unanimidade não impede, porém, que Nortistas e Sulistas se combatam entre si pela supremacia no conjunto do antigo Império Celeste.

Mas há diferenças profundas nas pretensões dos dirigentes desta luta.

Enquanto Tchang Su Lin, senhor da Manchúria; Tcheng Sun Tchong, senhor de Shantung e de Kiang Su; Wu-Pei-Fu, senhor de parte do Honão, só se esforçam por conservar e aumentar os seus territórios em proveito próprio, como os nossos grandes barões faziam na idade média, o Kuo-Ming-Tang e o Kuo-Min têm em vista fazer uma grande república chinesa operária e camponesa. Procuram realizar o programa nacional e social de Sun-Yat-Sen.

### Porque triunfa o nacionalismo chinês

A causa das vitórias de Kuo-Ming-Tang e do Kuo-Min sobre os generais nortistas é a ideologia que aqueles representam. Com efeito, a opinião da massa chinesa, camponesa, trabalhadora, operária, intelectual, comerciante, apoia-os.

E por toda a parte, quando os seus soldados chegam, são recebidos, como libertadores, pela população.

Os jornais mais inimigos dos Sulistas vêm-se na contingência de registar o facto.

E' isto extremamente importante, porque tal facto explica como os cantoneses puderam tão rapidamente assenhoriar-se dos dois terços da China.

Não foram tanto os seus soldados, antes foi, principalmente, a sua ideologia espalhada por uma propaganda dirigida com grande habilidade, que lhes conquistou os corações e os territórios.

Não parece que este fenómeno tenha sido apreciado no seu justo valor, segundo a sua importância, pelos governos ocidentais que dão mostras de só conhecerem a força dos exércitos. Esquecem que alguém na posse dessa força, Napoleão I, tinha, não obstante, reconhecido que a *Idéia* era mais poderosa que as armas.

Estas não fazem obra criadora e viva senão quando servem uma ideologia de progresso, um ideal conforme às directrizes gerais da evolução humana.

Portanto, a situação de facto é tal que os Ocidentais devem modificar a sua política tradicional para com a China. Têm de encerrar o abandono da sua soberania sobre os territórios chineses como uma necessidade mais ou menos imediata. Em suma, os Ocidentais são obrigados a adaptar a sua política às novas condições que são um efeito da força dos Sulistas. Nisso vemos uma nova prova de que é a força armada que cria o Direito e não a justiça, como geralmente se diz e se acredita.

Se fosse a justiça que cria o Direito, os Sulistas não teriam precisão da força das armas.

### O que resta aos ocidentais

Os Ocidentais devem adaptar a sua política, tanto mais rapidamente às condições criadas pela vitória do Kuo Ming Tang, quanto este é necessariamente, fatalmente chamado, num prazo de tempo mais ou menos curto, a ser o governo de toda a China.

«Le Temps» recusa-se a encarar este futuro por lhe ser demasiado amargo. Prefere ocultar a si mesmo a verdade, declarando que é impossível prever quem amanhã vencerá — se os Sulistas, se os Nortistas. E, contudo, esta verdade, luminosa como o sol, brilha aos olhos daqueles que sabem ver. O nacionalismo chinês é inelutavelmente chamado a ser o triunfador: porque ele manifesta-se segundo a linha lógica da Evolução do Mundo. Continua a evolução nacionalista da Europa; desses nacionalismos cujo objectivo supremo é a união entre si para formarem a grande federação internacional da humanidade.

De resto, este nacionalismo chinês é um produto do Ocidente. Este último colhe o que semeou. Muitos dirigentes do Kuo Ming Tang e do Kuo-Min são chineses cristãos — não digo católicos. Os chineses, os japoneses que têm nomes próprios cristãos como os srs. Eugénio Chen, Sen José Kotayama mais ou menos foram influenciados pela cultura ocidental. Pelas Universidades da Europa passaram muitíssimos jovens chineses, na maior parte, de origem social modesta.

Aprenderam nessas Universidades francesas, alemãs, inglesas, belgas, etc., as doutrinas das nossas democracias; as teorias de Carlos Marx, de Proudhon, de Bakunine, de Kropotkin, etc.

E estes estudantes, futuros construtores da China livre, actuavam na massa chinesa do país por meio de pequenos jornais mais ou menos públicos ou clandestinos que levavam a palavra dos pensadores queridos desta juventude.

Lembra-me de folhas chinesas, há 20 anos e mais, impressas em Paris ou noutra parte, que seguiam para o Celeste Império, cheias de artigos de Carlos Marx, de Bakunine, de Frederico Engels, de Paulo Lafargue, de Séverine, de E'lie e de Eliseu Reclus, de mim mesmo, de Fernando Pelloutier, de Jaurès, e de muitos outros socialistas, sindicalistas e anarquistas.

A semente germinou e a colheita está principiando. Tal facto me regozija imenso. E, se dentro de alguns anos, os velhos pioneiros como eu forem ainda vivos, terão a felicidade de ver a Revolução Chinesa triun-

far como triunfou a Revolução Russa. Ah! certamente, o que então se realizar terá defeitos, falhas! não será exactamente a efectivação completa do ideal dos pensadores socialistas; mas será alguma coisa de melhor, de muito melhor que o que antes existia; e será um grande passo para a integral execução do ideal querido a todos esses pioneiros.

Aqueles que ainda vivem têm a alegria de ver que a sua obra de precursores não tem sido em vão. Dela têm brotado vigorosos rebentos e a colheita será bela. Assim tem sido e assim será, porque o capitalismo ocidental, especialmente o britânico, criou, na própria China, o meio favorável à eclosão e ao desenvolvimento da semente.

Pela criação de suas fábricas, utilizando os baixos salários dos chineses, esse capitalismo modificou o ancestral meio social da China. Substituiu as corporações de ofícios pelo proletariado das manufaturas. Criou um meio próprio ao desenvolvimento dos sindicatos operários. E, então, graças às sociedades secretas, que envolvem a China numa rede apertada, trabalhadores, camponeses, artífices e pequenos comerciantes conheceram a palavra dos Ocidentais.

E o resultado é o que estamos vendo.

E este espectáculo é grandioso e reconfortante porque é o despertar de um grande povo que se ergue ante o imperialismo dos capitalistas ocidentais para exigir a sua independência, a sua soberania, e estabelecer um estado social melhor que aquele onde vive.

Augusto Hamon

N. da R. — Esta crónica está em nosso poder há muito tempo. O encerramento do nosso jornal impediu-nos de a publicar na ocasião própria. Algumas das previsões de A. Hamon aqui anunciadas já se realizaram. Temos outra crónica chegada quasi pela mesma ocasião e que será publicada a seguir.

### Informação telegráfica

As impressões de um jornalista britânico

HONG-KONG, 1. — São do correspondente do jornal europeu, enviado especial a Cantão, as seguintes impressões acerca da situação naquela cidade:

A ordem é perfeita. Todas as escolas estrangeiras estão fechadas.

A QUESTÃO DOS TABACOS

## A liberdade condicional só tem o condão de agradar à antiga Companhia dos Tabacos

Foi a questão dos tabacos quem tornou impossível a existência do ministério António Maria da Silva, o último ministério constitucional que teve a república. A *regie*, que ele pretendia com a agravante de ter no parlamento uma maioria capaz de aprovar, levou as oposições ao batuque das carteiras e o ministério Silva àquele enfraquecimento que permitiu que, quasi sem luta, fosse derrubado pelo pronunciamento militar de 28 de Maio. E' mesmo indistinctivo que a questão dos tabacos foi o rastilho inflamatório da pólvora.

Reacendese, novamente, essa questão que suscita tantas lutas quantos os interesses em jogo, devendo, porém, acentuar-se que nenhuma dessas rivalidades gira em torno do único interesse, exceptuando os dos operários, digno de ser tomado em consideração — o interesse dos consumidores.

Nesta famigerada questão estamos numa situação singularmente invejável: somos o único jornal que não tem interesses privados a defender, as nossas mãos estão limpas e a nossa consciência tranqüila nesta rivalidade de grupinhos e potências capitalistas que falam, invariavelmente, nos interesses dos consumidores para puxarem a braça a sua sardinha e dissimulem seus grandes despojos e seus temerosos appetites.

A *regie* era a concentração da indústria pelo Estado. Sob esse regime os tabacos seriam manipulados de modo a darem ao Estado o maior lucro, com a agravante de se anicharem, com grandes honorários e grandes percentagens, vários tubarões escolhidos de entre a voraz ninhada da parasitagem política. O consumidor teria que sujeitar-se, sem um único recurso, às extorsões da entidade exploradora do seu vício.

No regime do monopólio, tão evidentemente neolasto e antipático, não vale a pena falar...

Ficava ainda o regime da liberdade, aparentemente o mais simpático e o único que talvez desse aos consumidores uma vantagem irrisória, quasi imperceptível.

Por nenhum dos três optou o actual ministro das finanças que estabeleceu uma fórmula denominada liberdade condicional.

Em que consiste essa decantada liberdade condicional? Consiste na negação da própria liberdade, o que implica, caso ela venha a vir, na ressurreição da Companhia dos Tabacos e, portanto, no regresso, puro e simples, à situação monopolista.

Não corremos o risco de nos enganarmos neste vaticínio, pois que o decreto estabelece tais restrições e ergue tantas dificuldades à liberdade de fabrico que nenhuma entidade poderá concorrer com a antiga Companhia dos Tabacos, desta forma, novamente, senhora onnipotente e única de toda a indústria.

«Arquitectura»

Revista mensal, acaba de sair o n.º 3. A venda na administração de A Batalha. Preço 3\$00. pelo correio 3\$50.

A concessão anglo-francesa está optimamente fortificada, defendendo-a canhões, metralhadoras e forças de marinheiros de sete canhoneiras, duas das quais francesas.

Os japoneses mantêm-se na expectativa, limitando-se a apreender armamento.

Reina grande descontentamento contra os bolchevistas entre os comerciantes chineses e a classe média quasi arruinada em consequência de terem sido suspensas as transacções comerciais, da opressão fiscal e das medidas demagógicas.

A agitação em seguida à repressão inglesa contra os piratas faz recuar novos incidentes.

Os comunistas empregam todos os esforços para levar os cantoneses a praticar actos de violência.

A luta continua entre os moderados e os comunistas e russos.

Os primeiros esperam obter um acordo provisório semelhante aos realizados em Hankow. — (L.)

### O pavor nas chancelarias

LONDRES, 1. — Os gabinetes de Paris e de Roma têm estado em contacto permanente, trocando impressões sobre a situação na China.

O governo inglês segue de perto estas conferências, tendo-se reunido ontem para tratar do assunto durante a sessão na Câmara dos Comuns, e volta a reunir-se esta tarde.

Lord Dirkenhead, secretário para a Índia, falando na Câmara dos Comuns, disse que os ultrajes feitos na China se dirigiram mais aos japoneses e americanos do que aos ingleses.

Os chineses necessitam de que as nações civilizadas e anti-bolchevistas lhes corrijam os atrevimentos.

E', pois, necessário exigir reparações na ordem directa dos ultrajes recebidos. — (L.)

### Sacudindo o capote

XANGAI, 1. — Chang-Kel-Shek declarou aos correspondentes dos jornais estrangeiros, ser necessário que haja a mesma confiança para os súditas que houve para os nortistas, ajustando que as tropas regulares cantonesas nenhuma responsabilidade têm nos atentados pessoais e dos assaltos às propriedades levados a efeito em Nankin. — (L.)

### A repercussão em Portugal

Chegou ontem sem novidade a Singapura, o cruzador Adamastor, segundo telegrama recebido de Macau, continua a haver completo sossego naquela colónia.

### As Milícias

Pessoa que de certo ama os espectáculos originais pergunta-nos quando presenciará o desfile, indito e imponente, lúcido e marcial, das milícias pelas ruas mais centrais da cidade.

Não somos nós competentes para lhe poderemos satisfazer a curiosidade e tão pouco sabemos quem a possa informar devidamente. Segundo as informações que obtivemos, à custa de porfiadas diligências, as milícias deixaram de retirar na redacção do «Portugal» e não voltaram a retirar em parte alguma, pelo que tivemos de concluir que elas, por enquanto, constituem uma aspiração teórica à procura duma concretização que insiste em não se vislumbrar.

E' isto o que sabemos sobre milícias — não há milicianos, nem em número nem em organização, nem mesmo em viva idealização. Em três palavras: — não há nada.



# CRONICA DO ESTRANGEIRO

## A ACTUALIDADE POLITICA NO BRASIL

### As rivalidades dos imperialistas iugoslavos e italianos tornam possível uma guerra terrível

Rio de Janeiro, março — Depois de um reinado tranquilo de 50 anos, contra o qual os piores inimigos pouco têm a censurar, chegamos por evolução ao termo da escravidão da raça negra. A "lei aurea" já assinada para legalizar um facto já existente. Em 13 de maio de 1888, já tinha começado o exodo dos negros que abandonavam as fazendas sob a protecção das populações, chefiadas por intelectuais, e o exército já havia cruzado os braços, recusando-se a desempenhar o papel de perseguidor do negro. Portanto, a monarquia não cabe culpa nem gloria de ter feito a abolição. Entretanto, o fazendeiro que ainda hoje vive em regime feudal, naquele tempo não só vivia, por fatalidade económica, mas também pensava. Para eles, a monarquia lhes havia tirado o escravo. Quem lho poderia devolver? O partido republicano, débil, platónico, animado por uma dúzia de intelectuais saídos das academias e que eram os primeiros a duvidar do exito próximo do seu empreendimento.

Deu-se, então, a corrida dos escravocratas das hostes monarchicas, para as fileiras republicanas, que de um dia para o outro se tornaram impetuosas. Deu-se o convento de liti, onde dominou a corrente dos fazendeiros. Numa circular, o partido republicano censurou a monarquia de ter abolido a escravidão! A república estava, portanto, feita, tinha por si o latifundiário, de oito milhões de quilómetros quadrados.

O golpe de 15 de Novembro teve uma importância muito relativa, ainda menor do que a "lei aurea" na abolição. Como era de prever, os idealistas da república, foram aliados do regime; um deles foi atraindo-se à boca do Vesúvio: Silva Jardim. Dominaram, para sempre, os antigos escravocratas e os monarchistas que alimentavam esperanças de uma reviravolta. Se não tivemos a volta da escravidão foi porque ela estava terminada, não no papel, mas por mercê da evolução.

Além disso, o trabalhador branco começou a substituir o negro destruindo o argumento de que, feita a abolição, o país morreria à míngua, por falta de mão de obra. Ainda hoje os Estados que mandam são Minas e São Paulo, isto é, os fazendeiros; os políticos que não nasceram nestes Estados estão, pelo menos, ao serviço da sua política: Washington Luís e Epitácio Pessoa.

Trinta annos de república nos conduziram a nova etapa de evolução; o desenvolvimento da industria, embora artificial, embora fundado no proteccionismo aduaneiro, criou o industrialismo, e com este os problemas do mundo moderno.

A vida brasileira é feudal nos campos; é exasperadamente nova nas cidades! Resultado: conflito entre as duas politicas. O espirito moderno das cidades não pode submeter-se ao mandonismo dos coronéis fazendeiros. O problema é este, embora ainda haja muita confusão, visto que as fronteiras ainda não estão nítidas e há elementos de um campo desmuniados no campo oposto. Daí, a revolução de 5 de julho de 1922, repetida sempre, todos os dias até hoje, contra o feudalismo agrário. A origem desse movimento, económica e, portanto, social, veio a furo por ocasião da candidatura do sr. Artur Bernardes e a muitos ainda hoje parece que foi essa candidatura infeliz a causa do maior conflito armado.

Artur Bernardes foi o espirito agrário de São Paulo e Minas, dos pequenos Estados que também se julgam agrários; instintivamente, foi rechaçado pelo povo das cidades que o maltratou durante quatro annos e ainda tem por ele um conceito pouco lisonjeiro. A revolução era feita contra ele, aparentemente; realmente, contra os escravocratas e teve o apoio das cidades. Em São Paulo esperava-se na vitória sobre as legiões, as policias, os provisórios, que o governo arrebancha por intermédio dos fazendeiros.

Minas, essencialmente agrária, é o quartel general do partido dominante; São Paulo, industrial, é capital da revolução, do ponto de partida.

Um partido democrático, aqui fundado, arrebanhou todos aqueles que julgam possível a vitória da cidade sem o auxilio das armas; e é interessante notar-se que no partido democrático figuram poderosos fazendeiros do interior.

No dia 15 de Novembro ultimo o sr. Washington Luís assumiu a presidência do Brasil. É um caso de gratidão politica. Washington assegurou a presidência a Bernardes, Bernardes entregou o Cateite a Washington, sob estado de sitio, lei marcial, portanto, numa eleição sem concorrentes. Houve, entretanto, quem aninhasse as mais belas esperanças nesse homem. Explica-se esse facto. O sr. Washington é um homem de curta intelligencia, mas honesto e com fama de uma energia formidável. Há muitos annos, ele, como chefe de policia, entrou num quartel rebelado e obrigou os militares a deporem as armas. Por isso, muitos esperavam que ele, com um gesto semelhante, dominasse a situação e logo a seguir levantasse o estado de sitio permanente e a censura aos jornais.

O mais interessante é que o próprio sr. Washington Luís também se enganou. Ele estava certo de que, ao mais longinquo aceno de anistia, os revolucionários deporiam as armas e o aclamariam salvador do Brasil. Estes, por intermédio do Bispo de Mato Grosso, D. Aquino, responderam mais uma vez que a sua luta não era pela anistia, mas por umas medidas nacionais, que enumeravam. Então o sr. Washington, mordendo os lábios, pensou que a luta não era contra elle, mas contra o seu antecessor e assim explicaria a anistia antes dos revolucionários a desejarem. Estes, porém, sabendo do que se preparava, deram o golpe de Santa Maria — com o objectivo politico de lutar contra uma ditadura de escravocratas.

Mais uma vez fallou a tactica do novo presidente. Em quinze dias, fallou duas vezes. Mas devia fallar três vezes, talvez quatro vezes...

No dia da posse, o ministro da Justiça, cuja submissão a presidência é proverbial, publicou uma nota officiosa, em forma de entrevista a um vespertino carioca, em que parecia prometer a anistia para o dia seguinte. Essa nota saiu publicada às 19 horas. Divulgou-se rapidamente nos meios militares do Rio de Janeiro e, duas horas depois, o Cateite era conhecido de que o exército não veria com bons olhos a benevolência presidencial. E o homem enérgico, que ha annos com sua presença dominava a rebelião de um quartel, e que desejava fazer agora outro tanto, apressou-se em ir a dar ordens em contrario. Chegou mesmo a proibir aos

## Sente-se a guerra nos Balcanes

### A Italia e a Iugoslavia disputam-se a posse exclusiva do Adriatico, ameaçando a ficticia paz europeia

Há longos annos que o canhão dispara sem descanso, não havendo já um ponto vasto do globo que não tenha sido teatro de guerras. A conflagração que se desenrola na Europa seria a última guerra, mas finta ela, os imperialismos continuam exacerbados, e a febre dos armamentos vai ao rubro.

Agora, é o minúsculo território de uma nação artificial — a Albânia — um estado que remotos interesses de potencias criaram para disfarçar de ambições de hegemonia politica e militar no Adriatico — que se torna a ameaça de uma nova conflagração bellica muito mais cruel e desumana.

Dominando a Albânia, uma potencia dominará o Adriatico e determinará a politica dos estados balcanicos. Porisso, duas potencias disputam esse dominio — a Iugoslavia, potencia imperialista nascida da última guerra, e a Italia, cujos estadistas sonham a resurreição do grande imperio romano.

Havia dois annos que essas duas potencias se comprometiam em reciprocos tratados a não firmar acordos com terceiros potencias acerca da politica albanesa. Ambas as potencias ambicionavam a posse dos portos da Albânia, que ficariam sendo saídas comerciais e bases navais.

Subitamente, quando o governo italiano ainda afirmava ao governo iugoslavo a sua cordialidade, surge a firma de um tratado italo-albanês que punha em perigo a ambição de dominio da Iugoslavia. O tratado de Tirana considerava prejudicial aos mutuos e reciprocos interesses de Italia e de Albânia qualquer modificação politica, juridica ou territorial do segundo destes estados firmantes.

A Iugoslavia tomou o desafio à letra e ameaça mobilizar todo o exército, parecendo até que já pôz em pratica a sua ameaça. A Italia prepara-se para a guerra, tendo já levado a Albânia a mobilizar sobre as ordens dos militares italianos. Andam agora os diplomatas europeus procurando evitar a guerra, sem que se desquite a Italia; mas, como a Iugoslavia também não quer ser desgozada, a questão assumiu um caracter agudo — o caracter de uma guerra que pode alastrar pela Europa.

O apelo à Sociedade das Nações torna-se inefficaz. Não nos admiramos, pois, que nunca estivemos convencidos da mais insignificante utilidade dessa instituição feita pelas chancelarias para burla dos povos.

A guerra está sendo provocada por ambas as potencias rivais

Ao mesmo tempo que mobiliza, a Italia reclama. Diz-se que o governo de Roma mostra-se disposto a aceitar um inquerito, não só na zona sérvio-albanesa, como em todo o território da Iugoslavia, quer nos arsenais, quer nos depósitos de guerra. A Iugoslavia recusa-se o consentir nesse inquerito, pois, viriam a ser desvendados certos segredos militares e estratégicos.

Os incitamentos à guerra são tão intensos na Itália como na Iugoslavia. A imprensa burguesa é a trompa de alarme, e nenhuma voz que se oponha deixa de ser abafada violentamente. Fiume, Zara, Trieste, Gorizia, são gritos de guerra do imperialismo iugoslavo.

Entretanto, os diplomatas vão entretendo os ócios com negociações sem honestidade, pois, a guerra é desejada por ambos os partidos rivais e só conveniências segredadas poderão adiá-la.

Digamos, à guisa de parêntese, que a "opinião" russa observa atentamente o decurso dos acontecimentos, chegando a insinuar-se no animo de vários politicos iugoslavos que não desdenhariam de um apoio, em todo o caso, eficaz, visto a Iugoslavia se encontrar isolada, que os soviéticos poderiam dispensar no momento próprio...

Boas intenções que os factos desmancham... BELGRADO, 1. — Os circulos governamentais julgam que a Iugoslavia chegará a um accordo com a Italia e ratificará a convenção existente, com a condição de que Roma aceita a garantia de integridade da Albânia pela S. D. N., ou pelas grandes potencias. — (L.)

ROMA, 1. — A imprensa italiana comenta largamente a situação relativa ao conflito italo-iugoslavo, depois do ultimo incidente albanês, atribuindo-a a não ter sido tomada em consideração a proposta do inquerito nacional acerca do armamento da Iugoslavia. — (L.)

BERLIM, 1. — Diz o correspondente do Chicago Tribune que a Italia enviou 6 mil soldados e sete carros blindados para a Albânia e que em Dantzig desembarcaram 4 peças de artilharia pesada, 40 de montanha, 50 carros e muitos caminhões. Os officiaes italianos comandam a guarnição de Scutari. — (L.)

## A politica dos armamentos

### Pacifismo burlão

GENEVBRA, 1. — A comissão preparatoria da conferencia do desarmamento aprovou as disposições relativas ao limite do numero de officiaes e sargentos de carreira. — (L.)

### A inconfundível realidade

PARIS, 1. — As chancelarias europeas abandonaram a idea do inquerito internacional e controle permanente acerca do armamento nos Balcanes. Os adidos militares da França, da Inglaterra e da Alemanha ex-

**COLISEU**  
ULTIMOS — espectáculos — ULTIMOS  
DA  
**Grande Companhia de Circo**  
HOJE — às 9 da noite — HOJE  
Surpreendente e grandioso programa  
**30 — CAVALOS ARTISTAS — 30**  
A pantomima oriental de grande espectáculo  
**MIL e UMA NOITES**  
Sultanas, odaliscas, escravas, bailarinas, e eunucos — Luxuosas e surpreendentes cavalcadas  
O espectáculo mais grandioso que se tem feito em Portugal  
A'MANHÃ — Penúltima "matinée"  
DESUMBRANTE PROGRAMA  
BILHETES A VENDA

Belgrado ficção incumbidos de investigar qualquer novo incidente nas fronteiras. — (L.)

### Arrogância italiana

ROMA, 1. — A Câmara dos Deputados aprovou o orçamento do ministerio dos Negocios Estrangeiros, depois de um longo discurso do respectivo titular, que declarou impor-se uma remodelação na politica externa da Italia inspirada na orientação fascista.

O ministro anunciou também uma reforma nos serviços diplomaticos consulares e de emigração. — (L.)

### Explicação dos sonhos... imperialistas

LONDRES, 1. — O sr. Churchill, respondendo a um deputado na Câmara dos Comuns disse que a Inglaterra recebeu da Alemanha a quantia de 57 milhões de libras por conta das despesas do exército inglês e 33 milhões por conta das reparações, tendo sido 10 milhões em natureza e outros 10 milhões pelos adiantamentos e fornecimentos feitos ao exército. Recebeu da Bulgária 133 mil libras em dinheiro, por conta das despesas da occupação e 99 mil por conta das reparações. A Austria e Hungria não recebeu coisa alguma. — (L.)

### Um orgão afinado

BUENOS AYRES, 1. — O jornal "La Prensa", falando da acção dos Estados Unidos na Nicarágua diz que a crise pan-americana se torna mais aguda se os Estados Unidos persistirem em intervir em questões que dizem respeito a todos os países americanos. — (L.)

### Crónica mundana

O sr. Ford deu recepção a pessoas que o consideram...

NOVA-YORK, 1. — Os mais variados boatos têm resultado da declaração inserida no boletim de ontem acerca do estado de saúde de Henry Ford, segundo o qual o grande industrial suscita fortemente que o acidente de automóvel de que saiu ferido no domingo foi propositalmente preparado por alguém.

A policia já prendeu seis indivíduos, que poz depois em liberdade, durante as investigações para descobrir o condutor do carro que atropelou no seu próprio automóvel, perto da borda do dique.

O carro desapareceu na escuridão, mas numerosos testemunhas declararam que os seus passageiros estiveram esperando por Ford à entrada do estado de Dearborn, seguindo-o até às fabricas, perto das quais estiveram parados enquanto Ford não permanecia.

Depois seguiram o automóvel de Ford, cuidadosamente, no seu regresso a casa, precipitando-se sobre ele na altura que entenderam conveniente aos seus desígnios. Henry Ford ficou muito maltratado, sofrendo grandes dores, mas o seu estado não é considerado grave. — (L.)

### Noticiário diverso

#### A natalidade francesa

PARIS, 1. — O excesso da natalidade sobre a mortalidade em França no ano findo foi de 52.700 contra 60.000 no ano anterior. — (L.)

#### Uma expedição ártica

MONTREAL, 1. — O governo vai equipar o navio "Boethic" para uma expedição ártica em Junho próximo, a fim de se tentar penetrar mais para o norte do que até hoje se tem conseguido. — (L.)

**TIVOLI**  
— A'S 21 HORAS —  
Penúltima exhibição do celebre "film"  
**"A Quimera do Ouro"**  
(The Gold Rush) — La Ruée vers l'Or  
Tragico-comédia em 10 partes, original de  
**Charlie Chaplin (Charlot)**  
encenada e representada pelo actor,  
com  
**Georgia Hale e Mack Swain**  
**Pela Pátria**  
Drama militar de grande espectáculo  
em 7 partes, com **Edmund Lowe**  
**REVISTA MUNDIAL**  
Orquestra sob a direcção do Maestro  
**NICOLINO MILANO**  
**Amanhã — MATINEE às 3 horas**

### SOCIEDADES DE RECREIO

Grupo Recreativo de Bandolinistas 1.º de Maio de Solidariedade da Construção Civil de Tires. — Realiza-se amanhã uma recita promovida por este grupo levando à scena o drama "O Ladrão de Casa" e as comédias "Hospedaria da tia Anastacia" e "Uma experiência".  
Abrilanta a festa o Grupo Musical de Porto Salvo. No final da recita há baile.  
Os bilhetes que restam encontram-se em poder da direcção, onde podem ser adquiridos.

ASSINEM **Os mistérios do Povo**

## UM QUADRO DESOLADOR

### A sorridente perspectiva da emigração para as colónias

Julgando que conquistaria o seu desafio económico, o operário Henrique Martins Cota aceitou um contrato para a Africa, por conta da Companhia Colonial do Buzi. As condições oferecidas tentaram o amargurado trabalhador: iria, como serralheiro, ganhar 15 libras por mês, oito horas de trabalho, casa, medico e farmácia, regresso garantido após um ano de serviço, embora, o contrato fixasse o prazo de vigor de três annos, só se anulando subitamente por motivo de doença verificada.

Desconhecendo totalmente as condições da sua nova existência, Henrique Cota partiu, deixando a sua esposa uma pensão de 6 libras mensais. Em terras de Africa, foi mandado para Govuro, muito longe do litoral, e, então, começou sentindo o enorme trauma em que negreiros civilizados o haviam arremessado.

Com desprezo de todos os compromissos, os agentes da Companhia Buzi obrigam-no a trabalhar de sol a sol, negando-lhe assistência medica e os fornecimentos de farmácia. A casa que lhe deram não passava de uma ignóbil barraca sem solidez nem luz, sem conforto nem mesmo comodidades. O salário, afinal, era inferior à media, pois, os seus camaradas auferem vinte libras por mês. As privações do desditoso Henrique Cota horroizam os homens menos accessíveis às dores alheias: sob um clima perigoso, alimenta-se mal e sem continuação, sem possibilidade de um simples renovoamento das suas roupas.

Como a vítima se insurgisse contra tão odiosa exploração, ameaçaram-no com o despedimento em forma, ou com o envio para a metrópole. E se o infeliz Cota quisesse regressar, terá de percorrer a pé quilómetros e quilómetros de mata, demorando um mês até o litoral, pois só na Beira pode embarcar. Não querem os senhores da Buzi cumprir o que manda o contrato, a pretexto de não haver decorrido um anno de prazo nem doença verificada.

Não tendo recursos para uma longa viagem, Henrique Cota terá de suportar por um interminável periodo um desumano regime de servidão. E nem uma doença é licito desejar, pois que as doenças rapidamente liquidam um homem. Sem defesa possível, o ludibriado operário vai tudo empenhando ou vendendo, sentindo a sua existência mais dura que a dum degradado. Entretanto, em Lisboa, a esposa do exilado reclama ou implora providências junto de quem tem o dever irrevogável de promovê-las, mas a sua voz é emudecida ante a impossibilidade criminosa dos enganadores fars e felizes.

Assim sorri aos operários a perspectiva de emigrar para as colónias de Africa...

## Lisboa trágica

### Ao romper do dia

A porta de uma taberna, sita na estrada do Desvio, ao Lumiar, estacionava ontem de madrugada uma carroça de que era condutor Artur dos Santos, 23 annos, de Lisboa, residente no Pote de Agua, ao Campo Grande, o qual se encontrava dentro daquele estabelecimento. Admoestado pelo policia n.º 1867, Manuel Lopes Sobral, que ali andava de giro houve forte discussão entre ambos, acabando por se envolverem em desordem, ficando o civico com varias escoriações na mão esquerda, produzidas por chicotadas e o Artur dos Santos ferido na cabeça e num braço em virtude de algumas espedeiradas vibradas pelo 1867.

Depois de pensado no banco do hospital de São José, o Santos seguiu sob prisão para o governo civil e o civico ficou em liberdade.

### Desastre a bordo

No posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço, recebia curativo recolhendo em seguida a enfermagem de Santo António do hospital de São José, António Augusto Gomes Pinho, 26 annos, marítimo, natural de Ovar, residente na rua da Silva, 31, 4.º, que foi colhido por uma lingada, a bordo da fragata 227, atracada a um vapor alemão na muralha de Santos, ficando com varias contusões pelo corpo, e ferido na cabeça.

### A navalha em acção

No Banco do hospital de São José, recebeu curativo e foi para casa, Celestino Dias da Silva, 27 annos, padreiro, residente na Quinta do Carvalho, a Chelas, n.º 1, e que na Calçada da Picheleira, foi agredido com uma facada no braço esquerdo.

### Queda de um andaime

A enfermagem de Santo António do Hospital de São José, também recolheu Valentim Ferreira, 50 annos, pedreiro, natural de Castro Daire, residente no Bairro das Palmeiras, no Barreiro, e que ali caiu dum andaime, ficando muito contuso pelo corpo.

### Queda de uma carroça

Na enfermagem infantil do Hospital Estefânia, deu entrada Maria Isabel, de 2 annos, filha de João Moura e de Isabel dos Santos, natural de Ilandia a Nova, residente na Vila União, barracas de José Paderinho, no Arco do Carvalho, que caiu dum carroça, ao Alto de São João, fracturando a perna direita.

### Dois mortos

Na enfermagem de S. Francisco do Hospital de S. José, faleceu ontem, António de Almeida, faleceu individuo que, como noticiamos, ali deu entrada no dia 28 ultimo vindo do Governo Civil.

No Banco do Hospital de S. José, faleceu momentos depois de ali ter dado entrada, Manuel Ferreira Matias, comerciante, residente na Rua dos Anjos, 132, loja.

Os cadáveres foram removidos para a Casa Mortuaria do mesmo Hospital.

### A VENDA A 11.ª SÉRIE de "Os mistérios do Povo"

Interessante romance histórico profusamente illustrado desde as primeiras idades do homem até a revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas a \$3.1. e obra mais barata, ou na página 82, página

## TEATROS

### Espectáculos de hoje

TEATROS  
Teatro São Carlos. — A's 21, 15. — "Entre os lobos".  
Teatro Nacional. — A's 21, 15. — "O Novo Idolo".  
Teatro S. Luís. — A's 21. — "Paganini".  
Teatro da Trindade. — A's 21, 15. — "O Quebranto".  
Teatro do Ginnasio. — A's 21 — "A Migalha".  
Teatro Politeama. — A's 21. — "Lourdes".  
Teatro Apolo. — A's 20, 30 e 22, 30 — "Mouraria".  
Teatro Variedades. — A's 8, 30 e 10, 30 — "O senhor roubado".  
Teatro Avenida. — A's 21, 30 — "O bom ladrão".  
Coliseu dos Recreios. — A's 21 — Companhia de Circo.  
Teatro Salão Foz. — A's 21. — Variedades.

Teatro Joaquim d'Almeida. — A's 20 e 21 — Cinema e variedades.

CINEMAS  
Tivoli. — Todas as noites animatógrafo.  
Salão Olimpia. — Todos os dias das 2,30 da tarde às 12,30 da noite. Sessões consecutivas de animatógrafo e concerto musical. — Rua dos Condes.

Jardim Zoológico. — Exposição de animais.

### Apolo

#### A estreia do "Costinha"

Com a "Mouraria" teve ontem o Apolo duas novas enchentes. A interessantissima peça apresenta mais uma atracção, entre as varias que nos ultimos tempos têm sido intercaladas na sua interpretação. E' ela a do popular Augusto Costa, o engracadissimo "Costinha", interpretando o papel do "Mota da Guitarra". Constituiu o facto o "clou" da representação, dando ensejo ao distincto artista de manifestar os recursos de que dispõe, apresentando um esplêndido trabalho, cheio de alegria e vivacidade, que o publico entusiasticamente aplaudiu. Hoje, no Apolo, repete-se a "Mouraria", o grandioso successo da companhia Almeida Cruz, com essa novidade.

### Eden-Teatro

#### O Rei dos Judeus

A nova peça "O Rei dos Judeus", que vai ser representada muito brevemente no Eden, tem scenários da autoria dos scenógrafos Luís Salvador, Eduardo Reis, filho e Reinaldo Martins. A parte musical da nova peça está sendo ensaiada pelo maestro Alves Coelho.

### Coliseu dos Recreios

#### Os últimos espectáculos da grande Companhia de Circo

Está já a dar os seus ultimos espectáculos a grande Companhia de Circo que, com tão grande successo, tem estado a exhibir-se no Coliseu dos Recreios, o que quer dizer que toda a gente deve aproveitar estes poucos dias para ver e admirar os melhores e mais variados trabalhos que se têm apresentado em Lisboa.

A pantomima oriental de grande espectáculo, "Mil e uma noites", continua a causar admiração e entusiasmo pela sua deslumbrante "mise-en-scene", pois nela entram sultanas, odaliscas, escravas, bailarinas, eunucos, tudo em pomposa cavalcada, vestindo ricos e luxuosos trajes orientais. E' um cortejo interessante e que os mais surpreendentes efeitos de luz dão grande movimento de cor e beleza.

Do programa fazem também parte todas as novidades e atracções da Companhia, no numero das quais estão incluídos os cavallos artisticos do celebre professor Truzzi. Amanhã realiza-se a penúltima matinee da temporada com um programa surpreendente, apresentando os "clowns" novos e engracadissimos intermédios cómicos. As crianças até dez annos têm entrada gratuita e os bilhetes estão à venda desde hoje.

### Nacional

#### O novo idolo

Voltou a encher-se o teatro Nacional, onde está em scena o drama "O novo idolo", de Cúrel, magistralmente traduzido por Avelino de Almeida e Dias Costa e notavelmente interpretado pela brilhante companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha, fazendo estes dois artistas-empresários os papeis principais.

### São Carlos

#### Entre os lobos

Continua em pleno successo, no teatro de São Carlos a notável peça de aventuras "Entre os lobos", que ali está fazendo um grande successo e cujo desempenho é admirável, destacando-se nos principaes papeis Palmira Bastos, Clemente Pinto e Henrique de Albuquerque.

### Trindade

#### O Quebranto

Foi um verdadeiro espectáculo de arte a recita de ontem no Trindade. Representou-se o celebre original do escritor brasileiro Coelho Neto, gloria literária da humanidade, "O Quebranto", com a nota alta e monumental do seu protagonista ser desempenhado pelo grande actor da mesma nacionalidade, Leopoldo Froes, que nesta obra prima, que ele estudou apaixonadamente, tem um estupendo trabalho de arte, a sua maxima coroa de artista, uma interpretação gloriosa que o eleva à posição de enfrentar as maiores notabilidades.

### Ginnasio

#### Recita de Amélia Rey Colaço

Realiza-se hoje, no Ginnasio, a festa artistica de Amélia Rey Colaço representando-se pela primeira vez em Portugal, a peça "La Sonriente Madame Beudet", de um titulo de "A Sorridente", desempenhando a fetejadora o curioso e interessante papel de Madame Beudet, no qual vai, decerto, revelar mais ainda o seu alto espirito de comediante illustre. Fecha o espectáculo um elegante "Fin de Fiesta" que causará o maior entusiasmo, visto que ela será inteiramente realizada por Amélia Rey Colaço, que, pela ultima vez cantará novas canções e "tonadillas".

### Avenida

#### O Bom Ladrão

Aquele personagem, o "Bom Ladrão", que está dando o titulo ao "vaudeville" em scena no Avenida, desempenhado de forma notável pelo actor Estêvão Amaral, tendo começado por causar uma sensação nova,

## TEATRO APOLO

Dois sessões às 8 1/2 e 10 1/2

Companhia ALMEIDA CRUZ

— Hoje — Hoje —

A mais atraente opereta

## MOURARIA

O papel do novo "MOTA" é interpretado pelo alegre actor-cómico  
**AUGUSTO COSTA**  
o mais popular e pitoresco espectáculo

## Ecos da revolução

Foram ontem arrolados os bens do Sindicato dos Profissionais da Imprensa

Conforme tínhamos noticiado, a policia foi ontem ao Sindicato dos Profissionais da Imprensa proceder ao arrolamento dos haveres desta instituição de classe.

Esta medida foi tomada ao abrigo do decreto que visava as colectividades sobre quem impende a acusação de terem, directa ou indirectamente, participado no ultimo movimento revolucionario. Porisso mesmo ella nos causa estranheza. Aquella collectividade não teve a menor interferência nos acontecimentos, visto ser um organismo de classe impossibilitado pelos seus estatutos, e até pelas ideias divergentes dos seus associados, de se imiscuir em manifestações politicas ainda que meramente platónicas.

A nossa surpresa tornou-se ainda maior quando soubemos que no processo referente ao encerramento da sede daquele organismo nada se encontra que possa constituir uma acusação.

### Foi encerrada a Associação dos Rurais de Benavilla

Informa-nos a Federação dos Trabalhadores Rurais que, por determinação da autoridade, foi encerrada a Associação dos Trabalhadores Rurais de Benavilla e os seus bens arrolados pela autoridade local.

O motivo da medida, segundo nos dizem, cifra-se no facto daquela Associação ser acusada de ter entendimentos com os revoltosos.

Trata-se de uma falsa denuncia, certamente para levar a autoridade a uma medida violenta. A Associação de Benavilla nada teve com o movimento revolucionario e não nos parece que naquela localidade fivesse havido qualquer pronunciamento.

### Uma medida inexplicável

Por ordem do governo a policia procedeu ontem ao arrolamento dos haveres dos Sindicatos dos Fogueiros, dos Marinheiros da Marinha Mercante e dos Descarregadores de Mar e Terra.

O mobiliario, que pertencia a estes três organismos, foi conduzido para a Boa Hora onde, segundo nos consta, será vendido em leilão.

Estamos convencidos que estes Sindicatos não tiveram a menor interferencia nos acontecimentos revolucionarios, motivo porque não se explica a medida ontem tomada.

Os Sindicatos Operarios, conforme preceitamos os seus estatutos, não podem imiscuir-se em politica. Mas se, porventura, o tivessem feito, a policia, que assiste a todas as assembleias gerais antecipadamente autorizadas pelo comando militar, teria conhecimento desse facto. E tal se não deu, porque bastava, como é notório, que qualquer assembleia se afastasse da ordem de trabalhos, para que fôsse logo dissolvida.

Por todas estas razões se não justifica a medida que ontem lhes foi aplicada.

### Um ferido com alta

Da enfermagem de S. Fernando, do Hospital do Desterro, sai hoje com alta, Joaquim Vicente Coelho, 51 annos, cabo de marinheiros, reformado n.º 1988, residente na rua da Rosa, 21, 4.º, que por ocasião dos ultimos acontecimentos, em Fevereiro, foi ferido a tiro na Rua do Salitre.

### Dois prisões em Coimbra

Acusados de distribuírem manifestos contra o Governo foram presos em Coimbra os nossos camaradas Roberto das Neves, estudante da Faculdade de Letras, e Arnaldo Simões Januario, barbeiro, e enviados para Lisboa há dias, recolhendo ao governo civil.



o seu relatório; 3.º que até à sua apresentação, seja interrompida a sessão do Conselho; 4.º que se remetam a essa comissão quaisquer propostas que por ventura sejam aqui apresentadas. (Aplausos prolongados.) Que a assembleia decida.

*Delbrel.* — Representantes do povo! grandes perigos ameaçam a República efectivamente; mas os que a querem destruir são os mesmos que, sob o falso pretexto de a salvarem, querem mudar ou derrubar a forma de governo vigente. Em vão os hipócritas conspiradores julgaram atear-nos com o aparato da força armada! Se entretanto os conspiradores conseguissem iludir ou desencaminhar o espírito dos nossos soldados, nós saberíamos morrer no nosso posto, defendendo a liberdade política contra os tiranos, contra os ditadores que a querem oprimir! Nós queremos a Constituição!

Aclamações prolongadas; muitos membros do Conselho se levantam espontaneamente e repetem com entusiasmo:

—... A Constituição ou a morte!...

Luciano Bonaparte agita a campainha e reclama silêncio.

*Delbrel.* (com energia). — Não nos acobardam as baionetas! somos livres aqui! Proponho que todos os membros do Conselho, respondendo à chamada nominal, venham à tribuna renovar o juramento de manter a Constituição do ano III.

A assembleia levantou-se em massa.

Muitas vozes: — Abaixo os ditadores! Viva a Constituição! Morram os traidores e os conspiradores!

*Grandmaison.* — Proponho que juremos opôr-nos por todos os meios ao restabelecimento de qualquer género de tirania! (Bravos entusiásticos.)

Grandmaison desceu da tribuna no meio dos aplausos e aclamações da assembleia.

Prolongaram-se por muito tempo os gritos de: Viva a Constituição! Luciano Bonaparte, mal podendo dissimular a sua secreta irritação, viu-se obrigado a pôr à votação a proposta da prestação do juramen-

to. Ela foi votada por unanimidade, porque a insignificante minoria facciosa e cúmplice do presidente não atreveu a desmascarar-se publicamente recusando o juramento.

Luciano Bonaparte desceu da cadeira da presidência para prestar o juramento; subiu à tribuna, e no meio dum profundo silêncio, enquanto todos olhavam para êle, disse com voz muito alterada:

«Juro fidelidade à República e à Constituição do ano III.

*Briot.* (vivamente). — Secretário do *Monitor*, insira na acta o juramento solene do cidadão Luciano Bonaparte.

*Grandmaison.* — Se êle faltar ao seu juramento que a sua traição passe a história!

De repente abriu-se com estrondo uma das portas da sala, e viu-se entrar o general Bonaparte, rodeado de generais e ajudantes de campo, seguido dum companhia de granadeiros de baionetas armadas.

A vista desta invasão da força armada na sala das sessões, os representantes do povo saltaram nos bancos, como se os ferisse uma commoção eléctrica, e a sua indignação explodiu em clamores furiosos:

—Que é isto? baionetas aqui! Força armada! Abaixo o ditador!

O general Bonaparte, a-pesar do seu sangue-frio sentiu-se um tanto intimidado por esta attitude provocada pela sua presença e pela dos seus soldados; tirou o chapéu e mostrou com um gesto que queria falar.

La êle a penetrar na sala, quando o representante do povo Bignonnet se precipitou ao seu encontro, tomando-lhe a passagem, bem como a sua escolta exclamou:

—Retire-se daqui, temerário, que assim violará santuário das leis! Retire-se immediatamente!

Esta attitude do representante do povo, o tom enérgico da sua voz, impressionaram vivamente Bonaparte, que empalideceu e parou hesitante. Ouviram-se então na sala uma nova explosão de furiosos gritos





UMA OPINIÃO DE G. LE BON

## A instituição do júri e as consequências da sua substituição por magistrados

A propósito da supressão do júri nos tribunais achamos curioso transcrever as páginas que a propósito dele escreveu Gustave Le Bon, cujo raciocínio, como é do domínio dos leitores, corre paralelos com o seu mérito científico, que é realmente grande e notabilizou os seus vulgaríssimos trabalhos:

«Como é impossível estudarmos agora todas as categorias de júris, trataremos apenas da mais importante: a dos jurados dos tribunais do crime. Estes jurados constituem um exemplo excelente da multidão heterogênea, não anônima. Nessa multidão encontramos a sugestibilidade, a preponderância dos sentimentos inconscientes, a fraca aptidão para o raciocínio, a acção dos guias, etc. Estudando os júris, teremos ensaio de observarmos os interessantes aspectos dos erros que pessoas, não iniciadas na psicologia das colectividades, podem cometer.

Os jurados dão-nos primeiramente um exemplo excelente da pouca importância que para as decisões apresenta o nível mental dos diversos elementos componentes duma multidão. Já tivemos ocasião de ver que, quando uma assembleia deliberativa é chamada para dar opinião sobre um assunto que não tenha carácter absolutamente técnico, a inteligência nem um pouco desenvolvida, e que uma reunião de sábios ou artistas, não tem, sobre assuntos gerais, opiniões sensivelmente diferentes das duma assembleia de pedreiros ou de merceiros. Em diversas épocas, principalmente antes de 1848, a administração fazia cuidadosa escolha das pessoas que haviam de constituir o júri, recrutando-as entre as classes ilustradas, professores, funcionários, letrados, etc. Hoje, o júri recruta-se principalmente entre os pequenos negociantes, pequenos industriais e empregados. Ora, com grande pânico dos escritores da especialidade, qualquer que haja sido a composição dos júris, a estatística prova que as decisões são sempre idênticas. Os próprios magistrados, embora muito hostis à instituição do júri, tiveram de reconhecer a verdade desta asserção. Eis como sobre o assunto se exprime um antigo presidente dum tribunal do crime, Réard de Glajeux, nas suas Recordações.

«Hoje a escolha dos júris está, na realidade, nas mãos dos conselheiros municipais, que admitem ou eliminam, à sua vontade, conforme as preocupações políticas e eleitorais inerentes à sua situação... A maioria dos escolhidos compõe-se de comerciantes de menor importância que os outros escolhidos, e de empregados de determinadas repartições... Todas as opiniões se fundem com todas as profissões nas funções de juiz, muitos têm o ardor dos neófitos, os homens de melhor vontade encontram-se nas mais humildes situações, pelo que o espírito do júri não mudou, e os seus veredictos são positivamente os mesmos.

Retenhamos da passagem que acabamos de citar, as conclusões que são muito justas e não as explicações que são assás fracas. Não nos cause, porém, espanto essa fraqueza, porque a psicologia das multidões e, por consequência, dos jurados, parece ter sido a mór parte das vezes tão desconhecida dos advogados como dos magistrados. Disso encontramos a prova num facto referido pelo autor que há pouco citámos, qual é o dum dos mais ilustres advogados, Lachand, utilizar-se sistematicamente do direito de recusa para com todos os indivíduos inteligentes que fizessem parte do júri. Ora a experiência, e só a experiência, ensinou a absoluta inutilidade das recusas, e a prova está em que hoje o Ministério Público e os advogados pelo menos em Paris renunciaram absolutamente ao direito da recusa a pesar do que, como bem observa Glajeux «os veredictos não mudaram, não são nem melhores, nem piores.

Como todas as multidões, os jurados são muito pouco influenciados por sentimentos e muito pouco pelo raciocínio. Não resistem, escreve um advogado, ao espectáculo duma mulher dando de mamar a um filhinho, ou a um desfile de grãos. Basta que uma mulher seja de agradável presença, diz Glajeux, para que alcance a benevolência do júri.

Inflexíveis para com os crimes que parecem poder atingi-los, e que são, de resto, precisamente os mais temíveis para a sociedade, os jurados são, pelo contrário, muito indulgentes para os chamados crimes de paixão. Raramente são severos para os infractores praticados pelas raparigas seduzidas; também nunca são muito rigorosos para com as raparigas abandonadas pelos amantes, que, para se vingarem, os vitrolizam, tendo muito claramente a noção instintiva de que tais crimes são pouco perigosos para a sociedade e de que, num país em que a lei não protege as raparigas abandonadas, o crime que se vingia é mais útil do que prejudicial e intimidando previamente os futuros sedutores.

Os júris, como todas as multidões, deixam deslustrar-se muito pelo prestígio, e o presidente Glajeux observa mui judiciosamente que sendo os júris muito democráticos na sua composição, são, pelo contrário, muito aristocráticos nas suas decisões. «O nome, o nascimento, a fortuna, a reputação, a participação dum advogado ilustre, as coisas que dão distinção, as que brilham, constituem factores muito consideravelmente recomendáveis nas mãos dos acusados.

Actuar nos sentimentos dos jurados, e como para com todas as multidões, raciocinar muito pouco, ou empregar apenas formas rudimentares de raciocínio, deve ser a preocupação de todo o bom advogado. Um advogado inglês, que se notabilizou pelos bons resultados que sempre obteve nos tribunais, mostrou bem a forma de proceder.

«Enquanto falava lá observando o júri. Era o momento favorável. Com figura e prática o advogado lê nas fisionomias o efeito de cada frase, de cada palavra, e tira as suas conclusões. Trata-se primeiro de distinguir os membros do júri, antecipadamente ganhos para a causa. O defensor, por meio duma habilidade, assegura-se deles depois do que passa a tratar dos membros que, pelo contrário, parecem estar mal dis-

postos, esforçando-se por adivinhar o motivo porque são contrários aos acusados. Esta é a parte delicada do trabalho porque pode haver uma infinidade de razões para se desejar condenar um homem, além, claro está, do sentimento de justiça.

Estas poucas linhas resumem o mecanismo de toda a arte oratória e vemos por elas porque é que o discurso feito com antecedência é de quase nenhum efeito, visto que é necessário poderem-se, a cada momento, modificar os termos empregados, conforme a impressão produzida.

O orador não carece de converter todos os membros dum júri, mas apenas os guias que não de determinar a opinião geral. Como em todas as multidões, há sempre um pequeno número de indivíduos que guiam os outros. «Fiz a experiência, diz o advogado que citamos, de que, no momento de se dar o veredicto, bastavam um ou dois homens enérgicos para arrastarem o júri. São exactamente esses dois ou três que é necessário convencer por sugestões hábeis. Antes de mais nada, é necessário agradar-lhes. O homem em multidão a quem se haja agradado está prestes a ser convencido e muito disposto a achar excelentes quaisquer razões que lhe apresentem. Num interessante trabalho acerca de Lahaud, encontramos a seguinte anedocta: «Ei sabido que, enquanto discursava nos tribunais, Lahaud não perdia de vista dois ou três jurados que ele sabia ou presentia que haviam de exercer acção sobre os outros, mas eram rebeldes. Geralmente conseguia reduzir estes recalcitrantes. Contudo, uma vez, na província, encontrou um contra o qual vamente empregava a mais tenaz argumentação, havia já três quartos de hora. Era o primeiro jurado da segunda bancada, isto é, o sétimo. O caso era para desesperar! Subitamente, no meio duma apaixonada demonstração, Lahaud interrompe-se, e dirigindo-se ao presidente do tribunal, diz: «Senhor presidente, peço-vos o favor de madarêis correr aquela cortina, pois que o sétimo dos senhores jurados está muito incomodado com o sol.» O sétimo jurado ruborizou-se, sorriu, agradeceu; estava ganho pela defesa.

Alguns escritores entre os quais muitos realmente notáveis, têm combatido violentamente, nestes últimos tempos, a instituição do júri, que é, todavia, a única protecção que possuímos contra os erros, na realidade muito frequentes duma casta que não tem fiscalização. Uns desejam um júri recrutado apenas nas classes ilustradas; mas nós já tivemos ocasião de provar que, neste caso, as decisões serão também idênticas às que agora são tomadas. Outros, baseando-se em erros cometidos pelos jurados, propõem a supressão destes e a substituição por juizes. Mas é extraordinário este modo de ver, pois o que o sustentam, parecem esquecer-se de que os erros que tanto censuram ao júri, foram primeiro cometidos por juizes, por isso que quando um acusado vai sujeitar-se a decisão do júri, já tem sido considerado criminoso por alguns magistrados, juizes de instrução, procurador da República e presidente do tribunal. E, nestes casos, se o acusado fosse definitivamente julgado por magistrados, em vez de o ser também por jurados, perderia a única probabilidade de ser reconhecido um inocente. Os erros dos jurados foram sempre primeiramente erros de magistrados. E, por consequência, são a estes que devemos atribuir as culpas de erros judiciais, essencialmente monstruosos, como a recente condenação do doutor L... que foi perseguido por um juiz de instrução, na verdade muito estúpido, por denúncia duma rapariga meio idiota que o acusava de a haver feito abortar, a tróco de trinta francos. Este médico teria sido vítima da prisão, se não fora a explosão da indignação pública, que fez com que o chefe do Estado o indultasse imediatamente. A honradez do condenado, proclamada por todos os seus concidadãos, evidenciava o absurdo do erro, que os magistrados eram os primeiros a reconhecer, o que não obsteu a que, por espírito de casta, fizessem tudo quanto puderam para impedirem a concessão do indulto.

Em todos os casos análogos, cheios de pormenores técnicos de que nada pode compreender, o júri, naturalmente, escuta o ministério público que diz que, no fim de contas, o processo foi instruído por magistrados habituados a todas as subtilidades. Quais são então os verdadeiros autores do erro: os jurados ou os magistrados? Conservemos preciosamente o júri, pois que ele constitui porventura a única categoria de multidão incapaz de ser substituída por qualquer individualidade. Só ele pode amaiar as durezas da lei que, igual para todos, o deve ser em princípio e não conhecer dos casos particulares. Inaceessível à compaixão e conhecendo apenas o texto da lei, o júri com a sua dureza profissional castiga com a mesma pena o assassino e a pobre rapariga levada ao infanticídio pelo abandono do sedutor e pela miséria; é então que o júri sente muito bem instintivamente que a rapariga seduzida é muito menos criminosa que o sedutor e, por isso, lhe merece toda a indulgência, tanto mais justa quanto é certo que o sedutor escapa à acção da lei.

Sabendo muito bem o que é a psicologia das castas e o que é também a psicologia das outras categorias de multidões, não vemos um caso sequer em que se foram acusados injustamente dum crime, deixassemos de preferir os jurados aos magistrados profissionais. Com os jurados teríamos algumas probabilidades de sermos reconhecidos inocentes, mas com os magistrados nenhuma teríamos. Tememos o poder das multidões, mas tememos ainda muito mais o poder de algumas castas; as primeiras são susceptíveis de convencimento, as segundas nunca se dão por vencidas.

## La verdad sobre Jesus

por HAN RYNER

Conferência—controvérsia, realizada em 31 de Março de 1926, no Grande Salão das «Sociétés Savantes» de Paris.—Tradução esboçada de Elizalde com um desenho na capa de Shum.—Preço 1500.—A venda na administração de A Batalha

## Sobre organização

Aspectos resultantes do maquinismo na posse dos industriais

Os patrões, a fim de reduzirem o mais possível o custo de produção e de aumentarem os seus lucros, aproveitaram-se das exigências técnicas e das vantagens que apresenta o industrialismo moderno para aumentar a importância dos poderes administrativos que retinham e para intensificar o despotismo económico que já exerciam sobre os seus operários e empregados. Por exemplo, a diminuição do trabalho, uma das principais vantagens do maquinismo é empregada em originar a falta de trabalho; outra vantagem, a substituição da força humana pela força mecânica, leva a escolher como obreiro a mulher e o menor de preferência ao homem; a exigência técnica de um pessoal numerosíssimo torna-se pretexto de uma hierarquia absurda estabelecida com o fim de semear a divisão e a inveja entre os trabalhadores, a necessidade técnica do trabalho em comum permite impor uma disciplina vexatória.

Os patrões têm:

- O poder de escolher e destituir o pessoal que empregam.
- O poder de regular todas as condições técnicas de suas explorações.

1.º—O poder de escolher o pessoal assim como o de regular a sua organização.

—O maquinismo impõe a necessidade de numeroso pessoal. Os patrões e os administradores do Estado encarregados de explorar certas indústrias monopolizadas servem-se dessa necessidade para aumentar o seu poderio que exercem sobre os trabalhadores criando entre o pessoal uma hierarquia autoridade que compreende chefes, sub-chefes, empregados de primeira, segunda, terceira, quarta classe. A esta organização ridícula e odiosa corresponde uma série de ordenados diferentes que em geral são tanto mais fracos quanto mais se trabalha.

Os patrões inventaram o aprendiz operário, e o Estado o supranumerário, os quais trabalham mas a quem se não paga. Um empregado permanece durante anos na terceira classe, e só recebe um salário suficiente quando, chegado ao fim da vida, atinge a primeira classe.

E é tal a força do hábito que a maioria do público acha isto muito legítimo.

Criando estas hierarquias fantasistas e estas diferenças de ordenados, o patronato e o Estado têm um fim: dividir os trabalhadores e impedir tanto quanto possível toda a resistência à sua autoridade.

Os patrões arrogam-se também o direito de destituir o seu pessoal à mercê dos seus interesses e até de seus caprichos. E o pessoal não possui nenhum estatuto que lhe assegure o futuro, que lhe afiance o seu emprego.

Se após dez ou vinte anos de trabalho, aos directores de uma empresa convém despedir um empregado e substituí-lo por um homem mais novo cujo ordenado seja menos elevado, são senhores de o fazer e desinteressam-se de todas as repercussões dolorosas que tais processos podem ocasionar. O poder de nomeação e de destituição origina a prática das recomendações e das proteções, assim como todas as manobras corruptivas que se lhes relacionam e que são uma das chagas da nossa sociedade.

O maquinismo apresenta a vantagem de substituir a força humana pela força mecânica, e frequentemente reduz o trabalho a um acto de vigilância e direcção. Os patrões, senhores de escolherem o seu pessoal, servem-se desta vantagem para substituir o homem pela mulher e pelo menor, os quais se sujeitam a salários ainda mais ínfimos. Tal substituição determina graves perturbações sociais: a prolongada estada nas oficinas compromete a saúde da criança; o emprego das mulheres desorganiza a família, provoca uma situação absurda; o adulto, em plena força, é lançado na ociosidade, enquanto os entes mais debéis ficam sobrecarregados de trabalho; mas o interesse dos patrões é superior a todas estas considerações.

Quando os estrangeiros trabalham por menores preços do que os indígenas, os patrões, usando do seu direito de escolher o pessoal, empregam-nos de preferência. Este procedimento agrava a falta de trabalho e torna-se muito vez origem de lamentáveis desordens entre trabalhadores nacionais e estrangeiros, consequências estas a que, claro, são indiferentes os patrões.

Concede-se aos patrões um verdadeiro poder de jurisdição em todos os conflitos que surgem entre os seus empregados ou operários na ocasião do trabalho. Têm também um poder de disciplina sobre a sua vida privada. Em certas indústrias e comércio impõe-se-lhes comer e deitar nos locais onde estão empregados; recolher a horas determinadas, vestir desta ou daquela maneira, etc. Indo mais longe no exercício do seu despotismo, encorajam-se, quando se oferece ocasião, de lhes ditar as suas opiniões políticas ou religiosas.

H. DUFUR

## CONFERÊNCIAS

### “Fisiologia do Trabalho”

A bio-energética do trabalho humano

O dr. sr. João Camoes efectuou ontem, na sede do Sindicato da Construção Civil, onde se acha instalada uma secção da prestigiosa Universidade Popular Portuguesa, a sua conferência sobre Bio-energética do trabalho humano, a terceira da série a que o conferente deu o título geral de Fisiologia do Trabalho.

Amanhã daremos à publicidade o extracto pormenorizado desta conferência, visto a falta de espaço o não permitir hoje.

### O atropelamento na Serra de Monsanto

Na Sala de Observações do hospital de São José, faleceu ontem, José Rodrigues Onofre de Sá, aquando menor de 6 anos, residente na Ilha Parda, a Monsanto, que, como noticiámos, foi ante-ontem atropelado por um automóvel na Serra de Monsanto.

## NO REGIME CAPITALISTA

## De como a redução do horário de trabalho faz a prosperidade de um industrial atilado

Nova York, 1 de março. — O sr. Henry Ford não se tornou famoso unicamente na indústria de automóveis. Também os seus métodos na técnica industrial e as suas concepções económicas acerca do aproveitamento prático do esforço humano, lhe proporcionam maior fama mundial. Discute-se mais as ideias do sr. Ford do que os produtos das suas fábricas.

O discutido industrial de automóveis fundou nos seus estabelecimentos um sistema que compreende a laboração industrial de forma a permitir o aumento da capacidade produtiva dos operários com o menor número de horas de trabalho.

A técnica industrial do sr. Ford supõe a substituição de grande parte da mão-de-obra, aproveitando-se esta até os mais simples movimentos, mecanizando-se o trabalho em elevado grau e utilizando-se as energias em ascendente proporção, a proporção em que o operário se identifique com a máquina.

Com o seu critério de equilibrista, o sr. Henry Ford pensa fazer frente a toda a concorrência mercantil, cuidando mais da barateza do que da qualidade dos seus automóveis, pretendendo também demonstrar que a pequena jornada de trabalho não provoca carestia do produto industrial.

Nos estabelecimentos do sr. Ford, a duração do trabalho é de cinco dias—ou quatro horas—na semana. Os argumentos do famoso industrial não convencem, porém, os outros fabricantes dos Estados Unidos. Quasi todos os capitalistas consideram perniciosa qualquer diminuição no horário de trabalho e resistem com alegações económicas dos seus interesses.

O sr. Ford é um burguês inteligente — à sua maneira. O seu sistema não contém um princípio altruista, mas prevê o aumento da eficiência da sua organização industrial, indicando, ao mesmo tempo, o caminho que todos os capitalistas devem seguir na exploração do trabalho, sem atender o interesse económico do trabalhador. Os lucros mercantis seriam, na prática do sistema Ford, muito mais elevados; contudo, são numerosos os capitalistas que não compreendem as vantagens de tal sistema. E, na sua totalidade, recusam-se a adoptar os princípios de um homem muito sabedor da técnica industrial, que vem a ser o aproveitamento de todos os elementos produtivos da indústria, incluindo o esforço do trabalhador, em proveito exclusivo do capitalista.

O sr. Ford veio colocar um grave problema económico ante a classe capitalista. O célebre industrial bem sente que o consumo é a base de todo o desenvolvimento da produção. Deixando ao operário longo tempo à sua disposição, sem baixar o nível do salário, atrai-o para o maior número de necessidades, do que resultará maior afluência de compradores de produtos industriais.

O método Ford é um largo recurso contra o desemprego, além de ser um recurso para o aumento constante da capacidade industrial e mercantil. Esse método aplica-se com maravilhosos resultados para os grandes capitalistas e para os grandes industriais. A experiência está demonstrando a Henry Ford o que o seu famoso sistema assegura-lhe vantagens na compra do mercado industrial e na normalidade da produção. Pode vender cada vez mais barato sem exaurir o esforço dos operários, cujos quadros não se alargam, é certo, mas evitando

## CRISE DE TRABALHO

Foi ontem distribuído um novo subsídio aos tipógrafos dos jornais suspensos

Na Imprensa Nacional, e em vista de haver sido recebido um novo subsídio da Provedoria da Misericórdia, começou ontem à tarde a ser pago aos tipógrafos dos jornais suspensos, por efeito do movimento revolucionário de fevereiro último, o segundo auxílio de cem escudos a cada compositor desempregado. Os tipógrafos, que em consequência do adiamento da hora a que na Imprensa foi recebida a importância total de dez mil e duzentos escudos, não puderam receber a quantia que lhes compete, deverão comparecer hoje, pelas 15 horas e meia, no edifício daquele estabelecimento. Deverá notar-se, a propósito, que não só a provedoria da Misericórdia, como o delegado do ministro do Interior, sr. Augusto Gonçalves Silva, têm empenhado esforços no sentido de ser debelada a crise que atravessam os tipógrafos.

Para tratar de assuntos de grande importância a comissão pró-desempregados reúne-se hoje, às 15 horas, juntamente com os seus agregados.

### Na indústria da construção civil

Os delegados do Sindicato Unico da Construção Civil de Lisboa são hoje recebidos, pelas 16 horas, pelo sr. ministro do Comércio a fim de tratarem da representação sobre crise de trabalho entregue naquele ministério.

### Consequências duma sindicância

## FORAM AFASTADOS DA POLICIA 120 AGENTES

Na policia houve uma verdadeira raziá: só da Investigação Criminal foram afastados 80 agentes e da Administrativa 40. Qual o motivo d'afastamento de mais duma centena de funcionários policiaes? O director da investigação Criminal dr. sr. João Eloi declarou que a maioria dos agentes foram demittidos em consequência da sindicância à policia. Nesta declaração se depreende que na policia pululavam os prevaricadores.

Entre os irradiados contam-se os chefes Alfredo Maria, Tavares e Xavier. Muitos dos afastados pertencem a famosa P. S. E. que tantas prisões arbitrárias e tantas violências cometeu. Com a expulsão de mais duma centena de agentes confirma-se o que tantas vezes aqui dissemos: que a liberdade de muitos operários honestos estava sendo constantemente enxovalhada ou suprimida por criaturas completamente desituidas de escrúpulos. E o que é mais importante: a confirmação vem de fonte oficial.

a progressão do desemprego e a diminuição do salário.

Assim, o atilado Ford consegue fazer a concorrência às indústrias europeia e americana com um largo aproveitamento económico do seu capital. Quando tantos capitalistas rotineiros e criminosamente egoístas clamam os prejuízos que a diminuição do horário pode trazer à indústria, é um industrial de nomeada que prova o contrário—com a prosperidade dos seus negócios.

### Os negócios do capitalismo britânico

#### A situação na indústria e o estado das finanças do Estado

LONDRES, 1.—A missão oficial britânica que visitou 51 cidades dos Estados Unidos, estudando 36 indústrias, e 16 canadenses, estudando 25 indústrias, publicou já o seu relatório, cujas conclusões estão de acordo, no mais importante dos seus aspectos, com as da missão comercial e operária que o ano passado foi encarregada pelo «Daily Mail» de estudar as indústrias norte-americanas.

A formação de grandes grupos industriais permite uma mais económica produção, mais baixos preços dos produtos e inundação dos mercados, e salários mais elevados.

Estes resultados obtêm-se muito especialmente por uma inteligente organização do trabalho, reduzindo o seu custo na manufatura, e por uma diminuição dos «stocks» dos fabricantes, o que vem facilitar a renovação dos depósitos dos lojistas.

A direcção técnica é largamente desenvolvida, recebendo a devida consideração como verdadeiro poder executivo das indústrias, bem diferente da propriedade.

O ano económico, hoje findo, terminou com um deficit de 36.693.694 libras.

As receitas elevam-se a 805.701.233 libras, quando foram previstas em 824.750.000 libras, e as despesas elevaram-se a 842.395.027 libras, tendo sido orçadas em 824.750.000 libras.

O imposto de rendimento rendeu menos 20 milhões do que fora previsto, e todo o orçamento do Estado se ressentiu dos efeitos da greve geral e da longa greve mineira.—(L.)

### Notícias de França

PARIS, 1.—O sr. Briand e o delegado alemão firmaram o acordo económico e comercial provisório franco-alemão, que servia de base para o definitivo.

No acordo provisório ficou estipulado que os vinhos franceses terão na Alemanha o mesmo tratamento de que gozam os espanhóis.

O sr. Tardieu, ministro do Trabalho solucionou o conflito mineiro do norte de Paz de Calais.

Os patrões e os mineiros das hulheiras do norte chegaram a acordo sobre uma redução de salários a partir de 15 de Abril.

### Consequências de um grande mal

BELOGRADO, 1.—Quatro homens armados de revólveres e facas assaltaram o Banco Agrário e depois de esfaquearem o empregado roubaram 240 mil coroas, conseguindo pôr-se em fuga.—(L.)

## DESPORTOS

### Um festival no campo de Marvila

Amanhã no campo de Marvila, propriedade do grupo desportivo dos Fósforos, realiza-se um grande festival sportivo em que tomam parte as primeiras categorias do Luso Foot-Ball Club do Barreiro, Operário Foot-Ball Club, Fósforos e Marvilense; e as 2.ªs categorias do Grémio do Bairro de Inglaterra e do Marvilense Foot-Ball Club.

Além do foot-ball, em que será disputado o bronze «Grémio do Bairro de Inglaterra», haverá provas pedestres e ciclistas.

O programa está assim constituído:

A's 12 horas.—Corrida negativa em bicicletas, na qual tomam parte Marvilense, Fósforos e Grémio do Bairro de Inglaterra.

A's 12,30.—Foot-Ball entre as 2.ªs categorias do Grémio do Bairro de Inglaterra e do Marvilense.

A's 14.—Estafeta olimpica, disputada pelas equipes do Marvilense, Fósforos e Grémio do Bairro de Inglaterra.

A's 14,30.—Foot-Ball entre os 1.ªs teams do Operário e do Luso Foot-Ball Club, do Barreiro.

A's 16.—Prova pedestre de cinco quilómetros.

A's 16,30.—Foot-Ball entre as 1.ªs categorias dos Fósforos e do Marvilense.

### QUEIXAS E RECLAMAÇÕES

#### Clamando contra uma medida

Do Forte do Monsanto escrevem ao Jacinto Ferreira, um dos indivíduos presos por cadastrados, dizendo-dos que entre os detidos por aquele delito há muitos regenerados que há anos não eram presos, motivo por que considera violenta a detenção de pessoas que querem ser honestas.

Alíca o seu protesto.

## INSTRUÇÃO

### Conselho Superior de Instrução Pública

Foi aumentado com um lugar de vogal o Conselho Superior de Instrução Pública, a preencher, por eleição, por um professor da Escola Colonial.

### Circulo Escolar de Tavira

Foi nomeado para interinamente exercer as funções de inspector do Circulo Escolar de Tavira, o professor da escola de Sousa Coutinho, de Vila Real de Santo Antonio, sr. Domingos Antonio Rosa.

## Vida Sindical

### Comunicações

**Sindicato Unico da Construção Civil**—Secção Profissional dos Pedreiros—Reuniu-se a direcção que se occupou da crise de trabalho e tomou conhecimento das deliberações tomadas pela Câmara Municipal sobre as obras que estão paradas há cerca de 4 anos, regosijando-se com as suas deliberações por elas constituírem a solução apresentada por esta classe em congressos corporativos e em devido tempo também comunicada em reclamação ao governo e à Câmara Municipal. Ocupou-se também da construção do bairro e deliberou que uma comissão procure hoje o presidente da Câmara Municipal.

**Pintores da Construção Naval**—A assembleia geral convocada para o passado dia 27, em virtude de factos imprevistos só se realizará no dia 10 do corrente para eleição dos corpos gerentes e discussão do relatório de contas de 1926.

**Federação Metalurgica**—Reuniu em 29 do mês transacto o conselho federal para resolver sobre a seguinte ordem de trabalhos:

1.º. Apreciar e resolver sobre um officio dimanado da Secretaria Portuguesa da Sociedade das Nações.

2.º. Resolver sobre as possibilidades da saída do órgão corporativo «O Metalúrgico». Antes da ordem foram feitas várias comunicações, atinentes ao cumprimento do horário de trabalho na indústria, tendo sido resolvido fazer interessar todos os organismos e bem assim fazer uma exposição circunstanciada às entidades governativas. Foi também apreciada a consecutiva falta de alguns delegados ao conselho federal, resolvendo-se officiar pela última vez a esses camaradas, a-fim-de serem substituídos caso continuem a faltar.

Entrando-se na ordem foi resolvido, quanto ao primeiro número, officiar ao B. I. da Sociedade das Nações declinando a nomeação do delegado português à X conferência internacional do trabalho no exporiente máximo dos trabalhadores em Portugal, a C. G. T. A par desta resolução, foi também resolvido instar junto dos outros organismos que ora se encontram em idêntica situação com a C. G. T., para que sigam igual caminho.

Quanto ao segundo número da ordem foi resolvido fazer sair «O Metalúrgico» no mais breve espaço de tempo, bem como officiar aos organismos sobre as condições da sua saída e ainda para que não demorem a sua colaboração. Foi também deliberado, a-fim-de não embaraçar a vida financeira e de propaganda da Federação, que o jornal seja vendido.

## Determinações do Município

### O alargamento da rua da Palma

Na sessão de ontem da Comissão Administrativa o vogal sr. Quirino da Fonseca apresentou a proposta do teor seguinte sobre as expropriações amigáveis dos prédios da rua da Palma que estão condenados a demolição:

«Considerando que se torna urgente completar o alargamento da rua da Palma na parte compreendida entre o coliseu da rua da Palma e a rua do Socorro;

«Considerando que, para isso, é necessário proceder à expropriação do prédio que pertence a José António Bourquim Braklamy e que tem os números 48 a 52 da rua Fernandes da Fonseca e bem assim à expropriação do prédio que pertence ao mesmo proprietário e situado na rua Vinte de Abril n.º 2, comunicando interiormente com o prédio acima citado;

«Considerando que esse alargamento pode ser custeado pelas verbas orçamentais do corrente ano económico e do seguinte;

«Considerando que se encontra aprovado o projecto do referido alargamento da rua da Palma;

«Considerando que a parte desse alargamento, que abrange as cidades propriedades, se pode executar no prazo de dois anos;

«Considerando que as expropriações necessárias para o acima citado alargamento foram declaradas de utilidade pública, em sessão da Comissão Administrativa de 2 de Dezembro do ano findo;

Propõem:

1.º—Que sejam resolvidas amigavelmente com o proprietário as referidas expropriações pelas seguintes importâncias:

17.077860 pelo prédio da rua Fernandes da Fonseca n.º 48 a 52;

874880 pela propriedade da rua Vinte de Abril, n.º 2;

Conforme consta da informação junta nos termos do artigo 4.º da lei 671 de 6 de Abril de 1916 e alinea a) do § 9.º do artigo 16 da lei de 26 de Julho de 1912.

2.º—Que sejam pagas aos inquilinos comerciais dessas propriedades as seguintes indemnizações:

A firma Francisco M. de Miranda Limitada, (como inquilina comercial do prédio n.º 48 a 52 da rua Fernandes da Fonseca a quantia de 3.415952.

A José de Oliveira, como inquilino comercial do pátio da rua Vinte de Abril, n.º 2, a quantia de cento e setenta, e quatro escudos e noventa e seis centavos, nos termos do artigo 17 da lei de 26 de Julho de 1912 e artigo 54 do decreto 5411 de 17 de Abril de 1919 e § 2.º do artigo 1.º da lei 1662 de 4 de Setembro de 1924.

3.º—Que o alargamento da rua da Palma no troço acima citado seja concluído no prazo de dois anos a contar da data da assinatura da escritura.

Esta proposta foi unanimemente aprovada.

## Sociedade Naturista

Esta agremiação de propaganda da cultura da Vida comunica-nos que de hoje em diante terá a sua nova sede patente todos os dias das 10 às